

PAZ SEM CONFLITO? A UPS COMO LINGUAGEM DA DOMINAÇÃO E DA SEGREGAÇÃO URBANA

ALMENDRA, Dinaldo ¹

Resumo: O artigo analisa os repertórios simbólicos mobilizados pela campanha midiática Paz sem voz é medo, do Grupo Paranaense de Comunicação (GRPCOM), posteriormente renomeada como Paz tem voz, observando a centralidade ocupada pelas Unidades Paraná Seguro (UPS) nesse esforço político de comunicação sintonizado com a agenda oficial da Segurança Pública no Paraná. Dentro desse quadro, a UPS, enquanto resposta política do governo estadual ao problema da violência, é enredada nesses discursos informativos e propagandísticos que promovem no espaço público a ideia de paz contraposta a de medo, e isso faz com que os termos do conflito social e da cidadania sejam deslocados para as margens do debate público. Assim, este artigo aborda a UPS inseridas no escopo da campanha, analisando-a nos termos de uma linguagem da dominação e da segregação urbana, articulada em torno da ideia de paz sem conflito.

Palavras-chave: Violência urbana; Paz tem voz; UPS; segregação social; policialização das políticas sociais.

Abstract: This paper presents an analysis of the symbolic repertoires mobilized by media campaign Paz sem voz é medo, created by the GRPCOM (Paranaense Communications Group), and later renamed Paz tem voz, observing the centrality occupied by the UPS (Paraná Public-Safety Units) in this communication effort syntonized with the political agenda of Public Safety in Paraná. Within this framework, the UPS, as the state government's policy response to the problem of urban violence, is enmeshed in these informative discourses that promote in the public space the idea of peace as opposed to fear, in such a way that the terms of the social conflict and citizenship are displaced to the margins of public debate. Thus, this article addresses the UPS analyzing it as the social language of domination and urban segregation, articulated around the idea of peace without conflict.

Keywords: Urban violence, Paz tem voz, social segregation, policialization of social policies.

Introdução

Este artigo tem como objetivo analisar os repertórios simbólicos mobilizados pela campanha midiática *Paz sem voz é medo*, do Grupo Paranaense de Comunicação (GRPCOM),

¹ Professor do Departamento de Comunicação Social (DECS) da UNICENTRO-PR. Doutorando em Sociologia pelo IESP-UERJ. Pesquisador do Núcleo de Estudos em Comunicação e Conflitos Sociais (NECCS-UNICENTRO), do Coletivo de Estudos sobre Violência e Sociabilidade (CEVIS/IESP-UERJ) e do Centro de Estudos em Segurança Pública e Direitos Humanos (CESPDH-UFPR). O texto apresenta os resultados parciais de pesquisa sobre a representação social da violência urbana no estado do Paraná. E-mail: dinaldoalmendra@hotmail.com

posteriormente renomeada como *Paz tem voz*, observando a centralidade ocupada pelas Unidades Paraná Seguro (UPSs) nesse esforço político de comunicação sintonizado com a agenda oficial da Secretaria de Estado da Segurança Pública do Paraná (SESP/PR)². Ao buscar definir e pautar o que é a violência no espaço público através de discursos informativos e propagandísticos, a *Paz tem voz*, de um lado, constrói a questão da segurança como problema público e, do outro lado, o acontecimento “violência urbana” como uma visão social do mundo³, detida sobre o conjunto dos nossos medos e sentimentos de insegurança. De acordo com o GRPCOM, a campanha, lançada em julho de 2011 e veiculada até julho de 2012,

(...) chamada inicialmente de *Paz Sem Voz é Medo*, teve como foco a conscientização da sociedade a respeito do quadro negativo de violência que se estabeleceu no Paraná. Em um levantamento feito pelo Mapa da Violência 2011, Curitiba é a quarta capital com maior crescimento na taxa de homicídios entre 1998 e 2008 e seis cidades paranaenses apareceram no ranking das mais violentas do país. Em janeiro deste ano a campanha evoluiu para *Paz Tem Voz*, com foco mais forte na cultura da paz. A proposta da campanha foi mostrar que a voz da população é que faz a diferença na luta contra a violência. O objetivo foi estimular o exercício da cidadania e mostrar que os paranaenses podem ser mais participativos na construção de uma sociedade de paz. A campanha *Paz Tem Voz* destacou ações de incentivo à convivência, à gentileza e ao relacionamento em comunidade.

Esse foi um programa integrado de Comunicação Corporativa e de jornalismo que se deu fortemente apoiado em estratégias publicitárias. Durante um ano, a “temática da segurança pública” foi construída e desenvolvida no espaço público em múltiplas plataformas de mídia, através da articulação de conteúdos editoriais, de assessoria de imprensa, de ações de marketing e da promoção de eventos em favelas e fora delas. A campanha envolveu todos os veículos de comunicação do GRPCOM e alcançou os 399 municípios do estado do Paraná, mantendo seu foco, é claro, na capital Curitiba e na sua Região Metropolitana, onde se concentra a violência urbana⁴. Nesse quadro, a UPS foi anunciada pelo secretário de segurança pública, Reinaldo de Almeida Cesar, no dia 05 janeiro de 2012, em entrevista ao Paraná TV, da RPCTV. Daí em diante, a UPS entra na pauta da campanha como um “acontecimento” central, construído tal qual uma “visão social do mundo” no espaço público, fato-chave que estabeleceu a ponte entre a agenda midiática e a agenda política da segurança pública paranaense. A *Paz sem voz é medo* virou o ano de 2012 com a UPS, transformando-se em *Paz tem voz*.

Nesse sentido, o recorte do material empírico desta análise abarca uma série de notícias

2 A campanha tem como tema a frase de uma música do grupo O Rappa, Minha alma, de 1999, também conhecida como A paz que eu não quero, composta por Marcelo Yuka.

3 Manejo aqui a ideia de Charaudeau de que a “comunicação midiática”, enquanto fenômeno sociocultural, efetua a construção do “acontecimento enquanto visão social do mundo”. Para o autor “o acontecimento nunca é transmitido à instância de recepção em seu estado bruto; para sua significação, depende do olhar que se estende sobre ele, olhar de um sujeito que o integra num sistema de pensamento e, assim, fazendo, o torna inteligível” (2006, p. 95).

4 Os veículos do GRPCOM são: Gazeta do Povo, Jornal de Londrina e Tribuna, os jornais digitais Gazeta Maringá e o portal de informações Paraná Online, a RPC TV (com oito emissoras afiliadas à Rede Globo), o canal de TV a cabo ÓTV e, ainda, as rádios Mundo Livre FM, Cultura FM de Maringá e 98FM (que integram plataformas digitais).

PAZ SEM CONFLITO?

A UPS COMO LINGUAGEM DA DOMINAÇÃO E DA SEGREGAÇÃO URBANA

sobre a UPS veiculadas no site oficial da campanha *Paz tem voz* entre os meses de janeiro e agosto de 2012⁵. O período cobre o momento em que o secretário Reinaldo de Almeida Cesar anunciou às mídias a implantação da UPS em Curitiba; ocorreu a instalação de duas delas até agora (Uberaba e Parolin); e encerrou-se a *Paz tem voz*, quando foi publicado o editorial intitulado “A campanha acaba, mas o trabalho continua”, no jornal Gazeta do Povo, um balanço geral dos resultados atingidos com o programa de comunicação. O critério de seleção dessas notícias é simples, baseou-se, primeiro, no recorte temporal, e, depois, na escolha de matérias que citam a UPS e foram publicadas no site oficial *Paz tem voz*. A ênfase da análise recai, portanto, nos “discursos de informação” (CHARAUDEAU, 2005) que tratam dos fatos relacionados às UPS, mais precisamente na maneira como eles se ligam, organicamente, ao repertório simbólico da campanha⁶. Não se pretende, neste texto, dar conta de todo o material empírico levantado, que é muito amplo, mas efetuar as primeiras aproximações analíticas, e que almejam o acompanhamento sistemático da relação entre a mídia e a política de segurança na esfera pública, com foco na UPS.

Antes de apresentar detalhes da campanha e, assim, entrar na análise dos seus repertórios simbólicos, é preciso desenhar os contornos do escopo de abordagem desse fenômeno social altamente complexo e que diz respeito à “comunicação midiática” de informações (de caráter jornalístico e/ou propagandístico). Ele engloba, no mínimo, três dimensões primordiais: a) “o lugar das condições de produção” da informação; b) “o lugar de construção dos produtos” informativos de todos os gêneros e; c) “o lugar das condições de interpretação” desses produtos e, por isso, de disputa política e simbólica entre os mais diversos atores sociais pela apropriação de discursos propagados e praticados nas arenas públicas (CHARAUDEAU, 2006: 23-28). Essas dimensões podem ser estudadas à luz de diversas teorias e metodologias, que vão desde a análise de discursos (centradas nos textos em seus contextos político-ideológicos, linguagens e suportes midiáticos) até teorias sociais e antropológicas de orientação etnográfica (que prezam, evidentemente, a observação direta e participante das rotinas dos profissionais da informação).

Pode-se dizer que essas três dimensões, articuladas entre si, constituem aquilo que Becker (2009: 27) observou como maneiras “altamente organizadas” de falar sobre a sociedade, de representá-la a partir de algum aspecto da vida social. Com efeito, se, de um lado, as representações sobre a vida em sociedade são “produtos organizacionais” desenvolvidos por grupos empresariais como o GRPCOM, do outro lado, não se pode perder de vista que os relatos e as representações sobre a sociedade feitos por esses mesmos contextos organizacionais são fruto não apenas de técnicas e métodos de produção, mas, igualmente, de

5 Não é possível, no curto espaço deste artigo, dar conta de todo o material empírico levantado, e que será objeto de discussões futuras a partir do acompanhamento continuado da política de segurança (UPSs) no espaço público.

6 Para além da cobertura jornalística e das campanhas publicitárias, o conteúdo programático da Paz tem voz envolve manuais, cartilhas e gibis didáticos, que explicam ao grande público o que é a violência e, igualmente, fornecem dicas sobre como ter “mais segurança” em situações nas ruas, em casa, nos bairros, nas escolas, etc. Há ainda dispositivos de interação online como o Blog das Vilas, definido pela campanha como um canal de comunicação dos moradores do Bolsão Sabará e da Vila Verde sobre “assuntos como segurança, educação, saúde” etc., e, também, um Mapa do Crime, onde os usuários podem cadastrar crimes que testemunharam ou foram vítimas, dispositivo inspirado em sites como “Wikicrimes”, “New York City Homicides Map” e “Spotcrime”.

uma percepção social da “violência urbana” construída coletivamente e que também pauta os profissionais da mídia⁷. O produto organizacional posto em tela, o discurso de informação sobre a UPS dentro da *Paz tem voz*, enquanto um relato sobre a sociedade, incorpora a “gramática” constituinte do repertório simbólico da “violência urbana” como “representação social”, cujo “núcleo duro de sentido” concentra o foco da atenção coletiva nas rotinas da vida privada, estritamente nas “ameaças à integridade físico-pessoal e ao patrimônio material” (MACHADO DA SILVA, 2008: 35):

(...) violência urbana é uma representação coletiva, uma categoria do entendimento de senso comum que consolida e confere sentido à experiência vivida nas cidades, bem como orienta instrumental e moralmente os cursos de ação que os moradores – como indivíduos isolados ou em ações coletivas – consideram mais convenientes nas diversas situações em que atuam.

A violência é, portanto, uma linguagem do conflito urbano. A representação da violência urbana como produto organizacional nomeado Paz sem voz é medo/Paz tem voz pode ser estudada e enquadrada analiticamente na moldura da representação social da “violência urbana”: cabe observar não como a “comunicação midiática” influencia a vida social, mas como a vida social, regida pelos sentimentos de medo e de insegurança, encontrou na campanha a sua caixa de ressonância. Desse ponto de vista, a *Paz tem voz* é uma expressão orgânica da representação social “violência urbana” e, por isso, da sua “gramática”. Ao mesmo tempo, este conceito permite compreender como o GRPCOM, por outro viés, enreda e integra a UPS em uma representação sobre a sociedade que é um produto organizacional editorial que assumiu a forma de uma argumentação no espaço público. Essa argumentação mobiliza o núcleo duro de sentido da “violência urbana” e, assim, o ponto de vista adotado pelos produtos informativos/propagandísticos da campanha orienta-se “para o plano imediato das interações cotidianas, bloqueando e reduzindo o confronto a este nível e impedindo a organicidade da ação coletiva originada nos territórios da pobreza” (MACHADO DA SILVA, 2008: 38). Retomando Becker, a *Paz tem voz* arma-se como uma espécie de “dispositivo” de “declarações de fato”, o que faz com que esse relato organizacional-editorial sobre o fenômeno da “violência urbana” acione e mobilize a sua representação social como fonte de evidências, saberes e idéias sobre o “tema da segurança”:

Um relato sobre a sociedade, portanto, é um dispositivo que consiste em declarações de fato, baseadas em evidências aceitáveis para algum público, e interpretações desses fatos, igualmente aceitáveis para algum público. (...) As pessoas que coletam fatos sobre a sociedade e os interpretam não começam do zero a cada relato que fazem. Usam formas, métodos e idéias que algum grupo social, grande ou pequeno, já tem à sua disposição como uma maneira de fazer esse trabalho (BECKER, 2009: 26-27).

A partir de agora será efetuada a reconstrução crítica do debate público sobre a política

⁷ Seguindo Becker, não faço uma distinção entre relato e representação. Porém, o corte conceitual que me interessa é entre representação como produto organizacional e representação “social”, no sentido durkheimiano (2009).

PAZ SEM CONFLITO?

A UPS COMO LINGUAGEM DA DOMINAÇÃO E DA SEGREGAÇÃO URBANA

de segurança paranaense, observando a UPS como acontecimento-chave nessa campanha de grande circulação. Nesses termos, fazer a crítica racional da representação social da “violência urbana”, e, por outro lado, reconstruir o debate da campanha, pode ser como duas faces da mesma moeda. A série de notícias veiculadas no site oficial Paz tem voz deve ser tomada como uma dimensão constituinte da percepção social generalizada sobre a “violência urbana” e a segurança pública. Busca-se saber como diferentes atores sociais que protagonizam as disputas políticas e simbólicas em torno da “UPS” nas arenas públicas — jornalistas, políticos, agentes do estado, acadêmicos, moradores das vilas —, são descritos na Paz tem voz, bem como conhecer as categorias sociais com as quais eles tratam e interpretam o “problema da violência urbana” e a política implementada para resolvê-lo. A construção do acontecimento “UPS” no espaço público como visão social do “mundo a comentar” depende não apenas das estratégias de comunicação, mas da linguagem apta a lhe conferir inteligibilidade social: a da “violência urbana”. Neste ponto, cabe destacar o desempenho performático da campanha no espaço público, não os seus efeitos sobre o público impactado.

Paz sem conflito?

A *Paz tem voz*, compreendida como um trabalho profissional de construção de um relato ou representação sobre a sociedade, deu origem a um produto organizacional editorial cuja argumentação pública retira toda a sua energia dos conflitos inerentes à representação social da “violência urbana”. Contudo, se a violência é hoje a linguagem socialmente compartilhada do conflito urbano, a UPS, necessariamente inscrita neste registro, parece responder a ele como uma linguagem da dominação e da segregação urbana. Isso porque, de acordo com Machado da Silva (2009: 38), existe uma “ironia perversa no fato de o crime violento, de uma certa maneira, substituir a ditadura como um dos problemas centrais da sociabilidade urbana”. O modo como o problema é construído no espaço público promove o eclipse da “questão urbana” e da desigualdade pela da segurança pública — paz sem vocalização de conflitos.

A UPS, enquanto uma resposta política para a demanda de ordem pública e de restituição da “sensação de segurança” — da fruição, sem medo, do fluxo regular das rotinas —, é desdobramento lógico de como o problema é construído coletivamente e ganha inteligibilidade social. O objetivo da UPS é restaurar as rotinas da vida privada reconhecidas como ameaçadas a partir da intervenção policial militarizada de retomada do controle dos territórios da pobreza, as “vilas”, estigmatizadas como fontes de medo e de insegurança. A ação não usa o exército, como no Rio de Janeiro, mas é “uma tentativa do Estado de evitar que se chegue ao extremo da falta de controle sobre essas áreas”⁸. De acordo com os trechos dos editoriais intitulados Um bom começo⁹ e Sem medo de bicho-papão¹⁰, publicados logo após a

⁸ Disponível em: <<http://www.gazetadopovo.com.br/pazsemvozemedo/conteudo.phtml?id=1229852&tit=Guardas-municipais-sao-maioria-entre-os-agentes>> Acesso em: 23 jun. 2012.

⁹ Disponível em: <<http://www.gazetadopovo.com.br/opinia/conteudo.phtml?id=1229218&tit=Um-bom-inicio>> Acesso em: 25 jun. 2012.

instalação da primeira UPS no bairro Uberaba, argumenta-se, respectivamente, que

A primeira Unidade do Paraná Seguro (UPS) foi implantada ontem no Uberaba (...). A ação da Secretaria de Segurança Pública merece aplauso e também recomendações para que todos os cuidados sejam tomados com a população, com a maioria absoluta de trabalhadores e chefes de família que moram na região. É um bom começo e um sinal da vontade política deste governo. Um sinal também da bravura dos homens da Polícia Militar, principalmente dos que ficarão na região em contato direto com a comunidade.

Há pouco mais de um mês, os paranaenses têm uma causa em comum a abraçar: a pacificação da zona favelizada do bairro do Uberaba, um bolsão onde vivem 23 mil pessoas. A instalação ali da primeira Unidade Paraná Seguro, a UPS, tende a ser vista como uma ação exclusiva do Estado, a quem, no senso comum, cabe lavar a roupa suja e implantar políticas de segurança pública que nos permitam dormir em paz. Mas não há notícia, em qualquer parte, de programas do gênero que tenham obtido êxito sem o envolvimento da sociedade, esse termo genérico usado para se referir a mim e a você. (...) O tráfico não se aproveita das zonas miseráveis da cidade apenas como endereço, mas como organismo. Desfruta das relações de vizinhança. Apropria-se dos serviços. Supre as carências do estado negligente. Daí a ação dos traficantes ser tão elástica: ela está imersa na banalidade cotidiana.

Acompanhando a linha editorial da Gazeta do Povo, as notícias sobre as UPS produzidas por este veículo e publicadas no site oficial *Paix tem voz* oferecem giros de sentido de noções como “paz”, “voz” e “medo” na construção do acontecimento “UPS” como visão social do mundo. Articulada em torno daquilo que se convencionou chamar de “cultura da paz” por contraposição a uma “cultura do medo”, a UPS, em seu objetivo de “saturar” e “congelar” o crime nas localidades onde foi implantada, para, depois, transformar esses “bolsões” em “espaços sustentáveis de segurança”, como dizem as notícias, identifica a relação do tráfico de drogas com as “zonas miseráveis” nos termos de um “organismo”. Donde a concepção de um dever de intervenção policial-social nos territórios de pobreza: a UPS, cujo rebatimento limite é a policialização das políticas sociais e a militarização do cotidiano (BODÊ DE MORAES, 2008). Diz-se que o tráfico de drogas desfruta das relações de vizinhança e, neste aspecto, recorde Valladares (2005: 20):

A associação quase sistemática entre pobreza e criminalidade fez da favela sinônimo de espaço fora da lei, onde bandidos e policiais estão constantemente em luta. (...), a presença de favelas em meio aos bairros de classe média e alta oferece um violento contraste entre o modo de vida dos pobres e o modo de vida dos ricos. Tanto mais que o aumento da violência reforça o medo dos habitantes da cidade formal frente à população dos morros [no caso em questão, os pobres urbanos curitibanos], acentuando uma visão dualista (...) As favelas passam então a ser percebidas como a “outra metade da cidade”, aparecendo, antes de tudo, como o território da violência e da pobreza, da ilegalidade frente à cidade “legal”. (...) Além disso, também existe violência em

PAZ SEM CONFLITO?

A UPS COMO LINGUAGEM DA DOMINAÇÃO E DA SEGREGAÇÃO URBANA

muitos outros bairros, da mesma forma que existe tráfico de drogas fora das favelas.

A “violência urbana” e o seu correlato direto, isto é, a UPS como linguagem da dominação e da segregação socioespacial são fruto do momento em que, “nas últimas duas décadas, o conflito social passou a reconhecer outro protagonista que já não se encaixa na forma do antigo esquema do confronto” (MACHADO DA SILVA, 2009). Esse novo protagonista urbano, o bandido, emerge e se consolida como sendo a ameaça mais radical e iminente à relação de alteridade necessária e pressuposta aos laços civis e aos engajamentos políticos, já que, às vistas das classes médias e altas, e, igualmente, das classes pobres faveladas, a bandidagem, ao apontar o cano do “berro” para elas, instaura o medo que tolhe da noção de Outro, reduzindo-a a individualismos radicais. O bandido é identificado como a negação absoluta da diferença inerente à vida em sociedade, na medida em que esta se configura através das dinâmicas que formam a sociabilidade cotidiana e, por consequência, os problemas públicos delas derivados, pois, como disse Gilberto Velho (1996) “a diferença é, simultaneamente, a base da vida social e fonte permanente de tensão e conflito”.

Com efeito, esse novo protagonista é inadmissível, “bandido bom é bandido morto”, informa-nos o senso comum, e com ele não há diálogo imaginável. Esse estigma estende-se às classes pobres faveladas pela proximidade territorial forçada com os traficantes varejistas de drogas ilícitas. Assim, a fragmentação das alteridades pela violência do crime não assegura a plenitude de Outro aos bandidos e, por tabela, aos pobres. São esgarçados os sentidos de reciprocidade e de entendimento mútuo. Nesse sentido, é exemplar o fato de que os primeiros dias da presença da polícia no Uberaba ficaram marcados pelo escândalo de policiais militares que torturaram um morador com agressões físicas e choques elétricos. De acordo com os relatos da imprensa, Ismael da Conceição, 19 anos, servente de pedreiro, andava de bicicleta em direção a casa de amigos quando foi confundido com um bandido. O jovem foi detido e levado pelos policiais até a casa onde vive, que foi revistada sem mandado judicial. Lá não foram encontradas armas ou drogas e, depois, Ismael foi levado para o local onde foi barbaramente torturado. Dois dos PMs acusados da tortura ainda estão na academia. Um mapa ilustrativo¹¹ de uma das matérias sobre o caso de tortura procurou situar o escândalo “fora da área de jurisdição” da UPS, bem como fazer uma distinção entre policiais destacados para a operação especial da UPS e policiais “convencionais”:

¹¹Disponível em: <<http://www.gazetadopovo.com.br/pazsemvozemedo/conteudo.phtml?id=1230824&tit=Investigacao-so-dentro-da-policia>> Acesso em: 23 jun 2012.



Esse escândalo brutal abriu espaço para críticas de diferentes atores sociais e políticos (OAB, movimentos sociais, moradores das vilas) ao projeto da UPS, direcionadas, em especial, a atuação policial nos territórios da pobreza. De fato, o “Caso arranha credibilidade do programa UPS”, e trouxe à baila alguns relatos informativos sobre como a vida e a rotina dos pobres urbanos, notadamente a juventude, é impactada pela violência policial enraizada no país. Sofrem com o pesado estigma de bandidos ou quase-bandidos, que equipara, mecanicamente, convivência com o tráfico de drogas ilícitas a varejo, sendo a pobreza e a cor as engrenagens desse preconceito (GOFFMAN, 1980). As “Pessoas reclamam de abordagens truculentas”¹² e sentem medo inclusive de prestar informações à polícia em relação aos diferentes crimes, incluindo homicídios, ocorridos após a instalação da UPS. Isso sem contar o medo de

12 Disponível em: <<http://www.gazetadopovo.com.br/pazsemvozemedo/conteudo.phtml?id=1230826&tit=Pessoas-reclamam-de-abordagens-truculentas>> Acesso em: 23 jun 2012.

PAZ SEM CONFLITO?

A UPS COMO LINGUAGEM DA DOMINAÇÃO E DA SEGREGAÇÃO URBANA

denunciar aqueles que deveriam protegê-los:

Seis dias depois da ocupação no Uberaba, algumas situações de abuso de poder têm incomodado comerciantes e moradores. Segundo a comunidade, em vez de cumprirem o papel para o qual foram designados, que é conter o tráfico e os homicídios, os policiais têm agido de forma truculenta na abordagem, assustando a todos.

Dorival Antônio de Oliveira, de 47 anos, conta que na manhã do último domingo, enquanto tirava o carro da garagem, foi abordado por um grupo de policiais armados que o recriminavam dizendo ser proibido por lei estacionar na calçada. “Eles chegaram gritando e me chamando de favelado. Disseram que iriam me multar e eu comecei a reclamar. Outra viatura passou e da mesma forma grosseira, vieram tirar satisfações.”

Para um comerciante que pediu para não se identificar, essa atitude parece mais uma questão de falta de treinamento e de preconceito dos policiais. Ele, que mora no bairro do Batel e tem um comércio no Uberaba há seis anos, diz que não entende essa diferença no tratamento. “Aqui tem gente de bem e trabalhadora. Os policiais andam de carro e em grupos fazendo essa barbaridade. Eu não admito uma ação que venha para proteger e no fim traz medo”.

Apesar de muitas vezes produzir medo, o efeito imediato da presença da polícia é percepção de que a sociabilidade local é arejada momentaneamente com o recuo da atuação dos bandidos, fazendo com que os moradores “recuperem hábitos inibidos pela criminalidade”¹³, tais como ir à igreja ou brincar nas ruas, antes interditados pelo medo dos tiroteios imprevisíveis, causados tanto por policiais quanto por criminosos. Porém, o estigma de bandidos ou de quase bandidos, o racismo e a pobreza produzem a invisibilidade simbólica que fazem com que as demandas dos moradores de localidades pré-selecionadas para a implantação da UPS permaneçam historicamente conhecidas e acumuladas: infraestrutura inapropriada, más condições de moradia, equipamentos coletivos e espaços de lazer degradados, precariedade na saúde pública e na educação e o baixo índice de escolaridade local, como relatam as matérias. Isso gera outro medo, o da incerteza da continuidade das políticas públicas voltadas para essas áreas, o que se reflete na própria dinâmica de instalação da UPS, uma vez que não há diálogo do poder público com a população desses lugares:

A falta de diálogo entre o governo do estado e a população para deflagrar a implantação da Unidade Paraná Seguro (UPS) no Uberaba ficou evidente na fala de líderes comunitários e integrantes de entidades representativas do bairro. De um modo geral, as lideranças aprovam a iniciativa, mas ainda não sabem ao certo quais serão os próximos rumos do projeto. “Todas as informações que temos vieram por meio da imprensa. Não sabemos como vai ser”, confirma o presidente do Conselho de Segurança (Conseg) do Uberaba, José Aparecido Dudu da Silva.

13 Disponível em: < www.gazetadopovo.com.br/pazsemvozemedo/conteudo.phtml?id=1251424&tit=Liberdade-retorna-ao-Parolin > Acesso em: 23 jun 2012

O bandido como causador da violência e, portanto, agente do medo, remete-nos à reflexão de Bauman (1999: 11-16) sobre as dificuldades de se traduzir os problemas pessoais em verdadeiras questões públicas. Isso porque, quando os sentimentos de medo e insegurança concentram a atenção coletiva nas rotinas da vida privada, restringindo-a aos receios da ameaça à integridade física e/ou patrimonial, iniciativas políticas como a UPS desdobram-se como que contra um “inimigo público comum”, o bandido, “alguém que a maior parte do público identifica como inimigo pessoal”. Então, ao mesmo tempo em que as vozes de diversos atores sociais e políticos encontram espaço nos discursos de informação sobre as UPS no site Paz tem voz, chamando a atenção, por exemplo, para a necessidade de proteção social e de acesso à justiça, o medo do Outro urbano, do agente da insegurança e da incerteza nas rotinas, paralisa a política, e, por consequência, o conflito social é recalcado, eclipsado para ser mantido nas margens do debate, operando-se um enquadramento individualista e privado de um problema público. “Razões públicas, emoções privadas”, para empregar a expressão de Jurandir Freire Costa (1999). Diante da violência urbana “A sociabilidade restringe e retrai, não encontra ressonância, cai nas trincheiras da mentalidade do medo e do preconceito” (BAUMAN, 1999).

A sociedade, “esse termo genérico usado para se referir a mim e a você”, restringe-se ao individualismo. Quando a atenção da vida coletiva entra em estado de suspensão pelo medo, restringindo-se às rotinas privadas reconhecidas como ameaçadas pela atuação de bandidos, encontra-se o solo fértil para a negação do Outro urbano — o pobre. Essa negação se revela o estigma posto em prática, pois legitima a violação de direitos a partir do desrespeito às diferenças. É nesse sentido que a expansão da criminalidade violenta urbana impacta as relações de confiança e de reciprocidade necessárias às lutas políticas incidindo fortemente sobre a sociabilidade, na medida em que altera, simultaneamente, as linguagens e as práticas que atualizam essas lutas nas cidades. O medo faz com que a paz seja confundida com a ausência de conflito, quando não a sua negação. E quando o conflito é problematizado, permanece nas margens do debate ou, principalmente, mescla-se a segurança à prevenção. Em outras palavras, confunde-se prevenção com políticas sociais ou proteção social, pois os pobres, antes de cidadãos portadores de direitos, devem ser alvos de medidas policiais e sociais a elas correlacionadas porque preventivas.

Considerações finais: militarização, segurança e prevenção

A matriz de construção do acontecimento “UPS” como visão social do mundo nos discursos de informação da *Paz tem voz* repousa na representação social da “violência urbana”, a linguagem do conflito urbano. A campanha, entendida como um relato ou representação sobre a sociedade que é fruto de uma produção editorial organizacional, retira dela toda a sua energia e assim assume a forma de uma argumentação pública sobre a segurança e a criminalidade nas áreas pobres. Bebe no seu repertório simbólico e obedece ao seu núcleo duro de sentido, que orienta as atenções para as rotinas da vida privada (os manuais com dicas de segurança

PAZ SEM CONFLITO?

A UPS COMO LINGUAGEM DA DOMINAÇÃO E DA SEGREGAÇÃO URBANA

publicados no site oficial da campanha são o melhor exemplo disso). Daí que o conflito, quando não é eclipsado do debate pelo medo do “inimigo comum”, faz com que a “paz”, essa expectativa de bem-estar social vinculada ao anseio de segurança pública, opere um giro de sentido nas demandas sociais, convertendo-as em tratamento policial e preventivo. Com efeito, a resposta política, a UPS, desdobra-se logicamente nos termos de uma linguagem da dominação e da segregação urbana, mais uma expressão da “criminalização da marginalidade e a marginalização da criminalidade” (COELHO, 2005).

Esse conjunto de fatores da vida social conecta-se difusamente ao que Charaudeau (2006) chama de “imaginário do igualitarismo”, articulando, justamente, o tema da segurança pública e ao da prevenção. Ficam assim equacionados os termos da militarização, da segurança e da prevenção, isto é, a policialização dos problemas sociais. (BODÊ DE MORAES, 2008)

Com efeito, a política da segurança pública da UPS instaura práticas discursivas orientadas, de um lado, para fora das favelas e, do outro lado, para dentro das favelas, com ou sem UPP. A relação entre militarização, segurança e prevenção é costurada no fato de que todos possuem o direito de proteção à vida e ao seu patrimônio. Daí que a lei deve ser aplicada e a polícia deve usar a sua força e o seu poder repressivo, foca-se estritamente na relação sanção-impunidade, bem como na presença ostensiva da polícia nos territórios da pobreza, como forma de inibição das fontes de medos e de insegurança. Quando a sanção se manifesta intensamente, seu efeito deve ser dissuasivo (repressão aumenta o custo de oportunidade do crime) e, aí, articulam-se segurança e prevenção (orientada para os criminosos potenciais, os pobres). A UPS como linguagem da dominação e da segregação urbana configura-se quando a estratégia de dissuasão bélica do crime se apresentou e as políticas sociais podem ser traduzidas em medidas policiais e preventivas.

Quando a paz é confundida com ausência de conflito, este último conserva-se dentro dos limites do debate público, porém, nas margens do discurso, e não interferem na agenda oficial. O mito das “classes perigosas” é reatualizado (MACHADO DA SILVA, 2008), imputando aos pobres urbanos, em especial aos jovens, as dores e as causas do crime e da violência. O medo paralisa a política, instala-se como mediador social entre as classes altas e médias e os moradores das favelas que são alvo da UPS, territorializando, nessas localidades, os “nexos discursivos” que associam mecanicamente a pobreza, a cor e a criminalidade. Fundam práticas de identificação social que, como diz Birman (2008: 102), ensejam “políticas territoriais específicas como forma de controle de seus comportamentos e do seu acesso à cidade”.

Nos termos da linguagem que ela articula, a UPS traduz o jogo profundo de tensões e ajustes entre o elitismo e a democracia. Isso se debruçando sobre os problemas da “violência urbana” e da “segurança pública” no que concerne aos contornos mais amplos do pensamento político quanto ao “bem comum” e ao “querer viver junto” nas cidades. Assim, ao discorrer sobre a teoria das elites, Hollanda (2011) demonstra, com clareza, esta se tratar de uma teoria (e, assim sendo, de uma formação discursiva, de um relato ou de uma representação sobre a sociedade) de que “toda forma política produz distinção entre minorias dirigentes e maioria dirigida”. Não é necessário mergulhar nas filigranas da teoria das elites, mas, para os fins da

análise da UPS como uma linguagem da dominação e da segregação urbana, cabe reter apenas o fato de que, dessa perspectiva, a retórica democrática da paz, turvada pelo medo, encontra-se destituída de conflitos.

Referências bibliográficas:

BAUMAN, Z. **Em busca da política**. RJ: Jorge Zahar Ed, 1999.

BECKER, H. S. **Falando da sociedade**. RJ: Jorge Zahar Ed, 2009.

BIRMAN, P. **Favela é comunidade?** In: MACHADO DA SILVA, Luiz Antonio (Org.). Vida sob cerco: violência e rotinas nas favelas do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008.

BODÊ DE MORAES, P. **Juventude, medo e violência**. . In GEDIEL, J. A. P. (Org.) ; MERCER, Vânia Regina (Org.) . Violência, paixão e discursos: o avesso dos silêncios. Porto Alegre: CMC, 2008.

CHARAUDEAU, P. **Discurso político**. São Paulo: Contexto, 2005.

—. **O discurso das mídias**. São Paulo: Contexto, 2006.

COELHO, E.C. **A criminalização da marginalidade e a marginalização da criminalidade**, In: A oficina do diabo e outros escritos sobre criminalidade. RJ: Record, 2005 [1987].

COSTA, J. F. **Razões públicas, emoções privadas**. Rio de Janeiro: Rocco, 1999.

FOUCAULT, M. **A ordem do discurso**. São Paulo: Edições Loyola, 2002.

GOFFMAN, E. **Estigma**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editores, 1980.

HOLLANDA, C. B. de. **Teoria das elites**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editores, 2011.

MACHADO DA SILVA, L. A. (Org.). **Vida sob cerco: violência e rotinas nas favelas do Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008.

—. **Quarenta anos de sociologia das classes populares urbanas**. In: CARNEIRO, S. de Sá; SANT'ANNA, M. J. G (Orgs). Rio de Janeiro: Garamond, 2009.

LIMA, V. de A. **Comunicação, poder e cidadania**. Rastros, Revista do núcleo de estudos em Comunicação. Ielusc, Joinville, SC, Ano VII, nº 7, outubro 2006.

—. **Liberdade de expressão X Liberdade de imprensa. Direto à comunicação e democracia**. São Paulo: Publisher, 2010.

VALLADARES, Lícia. **A invenção da favela: do mito de origem a favela.com**. RJ: Editora FGV, 2005.

Sites:

<<http://www.gazetadopovo.com.br/pazsemvozemedo/>>

PAZ SEM CONFLITO?
A UPS COMO LINGUAGEM DA DOMINAÇÃO E DA SEGREGAÇÃO URBANA

ANEXO I

DATA	TÍTULO DA NOTÍCIA	SUBTÍTULO DA NOTÍCIA	JORNALISTA
16/07/2012	EDITORIAL - A campanha acaba, mas o trabalho continua	Especialmente meritória foi a participação da comunidade, que, em vez de esperar que todas as soluções venham do Estado, compreendeu seu papel no combate à violência	
16/07/2012	Sensação de insegurança cresce, um ano depois	Em 2011, 56% dos paranaenses consideraram a falta de segurança o principal problema do estado. Agora, esse índice subiu para 61%	Bruna Maestri Walter
08/06/2012	População unida em busca de paz	Moradores da Vila Sabará, “adotados” pela campanha do Grupo Paranaense de Comunicação, conseguiram reduzir o número de homicídios no bairro	Angélica Favretto, especial para a Gazeta do Povo
05/06/2012	UPS do Parolin completa um mês sem registrar homicídio	Balanço divulgado pela Polícia Militar mostra redução drástica da criminalidade na área ocupada. Uberaba também registra reversão de índices	Osny Tavares
03/06/2012	UPS devolve o silêncio ao Parolin	A ocupação policial na região completa um mês. Sem os barulhos hostis da criminalidade, moradores resgatam rotinas abandonadas anteriormente	Osny Tavares
27/05/2012	EDITORIAL - Uma esperança de transformação. Sobre tudo para os policiais		
17/05/2012	Curitiba tem trimestre menos violento	Casos de homicídio doloso na capital caem 10% no início de 2012. Taxa de assassinatos ficou em 38,8 a cada 100 mil pessoas	Diego Antonelli e Rodrigo Batista, especial para a Gazeta do Povo
08/05/2012	Parolin ganha policiamento fixo com UPS		Tatiane Salvatico, especial para a Gazeta do Povo
07/05/2012	UPS do Parolin ganha policiamento fixo	Segundo o comando da PM, 30 policiais, com o apoio de um módulo móvel e duas motocicletas, vão ficar na região para garantir a segurança da população	Fernanda Trisotto. Colaborou: Tatiane Salvatico, especial para a Gazeta do Povo
06/05/2012	Parolin sonha ser Curitiba há 60 anos	Bairro às margens do Córrego Guaíra virou sinônimo de favelização. UPS é a mais nova tentativa de reinserção da vila no cenário municipal	José Carlos Fernandes
05/05/2012	Liberdade retorna ao Parolin	Presença de 150 policiais no bairro faz com que moradores recuperem hábitos inibidos pela criminalidade	Osny Tavares
04/05/2012	Polícia apreende 46 pedras de crack no primeiro dia da UPS no Parolin	Também foram apreendidos um quilo de pasta base de cocaína e 889 gramas de maconha; duas pessoas foram presas	Gazeta do Povo
04/05/2012	PM do Paraná quer expulsar policiais acusados de tortura	Segundo o coronel Roberson Bondaruk, o processo disciplinar com vistas à expulsão tinha sido instaurado paralelamente ao Inquérito Policial Militar. Processo de expulsão deve ser concluído em 30 dias	Gazeta do Povo e Agência Estado

04/05/2012	Parolin recebe a 2. ^a UPS do Paraná	População aprova ocupação de área dominada pelo tráfico de drogas. Em bairros vizinhos, moradores anseiam por dias mais seguros	Aline Peres e Osny Tavares, com colaboração de Tatiane Salvatico
4:58	Após 12 horas, moradores do Parolin comentam ocupação Unidade Paraná Seguro ocupa o Parolin	Posto policial é instalado em ponto de consumo de drogas	Rodrigo Batista, especial para a Gazeta do Povo
03/05/2012	Parolin é ocupado para instalação da segunda UPS de Curitiba	Aproximadamente 300 policiais militares, civis e guardas municipais ocupam a região desde 6 horas desta manhã. Primeira UPS foi implantada no Uberaba no mês de março	Fernanda Leitóles, Osny Tavares, Patricia Fernanda e Rodrigo Batista
16/04/2012	Jovem morto no Uberaba sofreu atentado em novembro	Wilson Vanderlei Pinheiro foi assassinado na Vila União. Foi o segundo homicídio na região desde a instalação da UPS	HelibertonCesca
08/04/2012	EDITORIAL - Sem medo de bicho-papão		
04/04/2012	Acusados frequentam escola de polícia	Dois dos cinco PMs que estariam envolvidos na tortura de Ismael da Conceição ainda estão na academia	Fernanda Trisotto
03/04/2012	Jovem torturado presta depoimento na Polícia Civil	Ismael Ferreira da Conceição, de 19 anos, foi torturado por policiais militares na região onde foi implantada a primeira Unidade Paraná Seguro (UPS), no Uberaba	Fernanda Trisotto. Colaborou Igor Castanho, especial para a Gazeta do Povo
22/03/2012	Vila Sabará recebe a 1. ^a Feira da Paz		Angélica Favretto, especial para a gazeta do povo
21/03/2012	Vidas marcadas pela violência policial	Dezoito dias depois, rapaz agredido pela PM vive atormentado por lembranças do trauma que sofreu. Inquérito que apura o caso fica pronto só em abril	Osny Tavares
21/03/2012	Vidas marcadas pela violência policial	Dezoito dias depois, rapaz agredido pela PM vive atormentado por lembranças do trauma que sofreu. Inquérito que apura o caso fica pronto só em abril	Osny Tavares
14/03/2012	Apesar de UPS, moradores tem medo de prestar informações à polícia	Delegacia de Homicídios tem dificuldades para avançar na investigação de morte ocorrida no último sábado	HelibertonCesca
12/03/2012	Área de UPS registra primeira morte	Homem foi executado com três tiros na frente de casa. Especialista diz que combate ao crime não se concretiza em curto prazo	Anna Simas
11/03/2012	Ações não avançam sem verba	O governo estadual anunciou um grande volume de projetos para a segurança pública. Quase nada foi executado por não haver definição de como as propostas serão viabilizadas	Andréa Moraes, Aline Peres e Matias Peruyera
05/03/2012	Uma mulher é assassinada e outra encontrada morta no Uberaba	Os dois crimes estão fora da área de saturação da Unidade Paraná Seguro, que ocupa o bairro desde a semana passada	HelibertonCesca
10/03/2012	Homem é assassinado neste sábado no Uberaba	Vila Icarai é uma das localidades que conta com o reforço de policiamento da Unidade Paraná Seguro e esse foi o primeiro homicídio registrado dentro da área da UPS	Fernanda Leitóles e HelibertonCesca

PAZ SEM CONFLITO?

A UPS COMO LINGUAGEM DA DOMINAÇÃO E DA SEGREGAÇÃO URBANA

09/03/2012	Primeira UPS do interior será em Londrina	Governador não estipula data para implantação da unidade, mas anuncia pacote de investimentos no valor de R\$ 100 milhões	Telma Elorza, do Jornal de Londrina
	Feira atrai 3 mil pessoas no Uberaba	(A ação faz parte do trabalho da segunda fase de implantação da UPS.)	Angélica Favretto, especial para a Gazeta do Povo
08/03/2012	Acessos ao Uberaba serão fiscalizados por, no mínimo, 15 dias	Após esse período, 60 homens do policiamento comunitário irão permanecer na região	Angélica Favretto, especial para a Gazeta do Povo e Fernanda Leitóles
08/03/2012	UPS Uberaba terá feira de serviços hoje		
07/03/2012	Pessoas reclamam de abordagens truculentas		Angélica Favretto, especial para a Gazeta do Povo
07/03/2012	Investigação só dentro da polícia	Denúncia de agressão contra o pedreiro Ismael da Conceição resulta na abertura de inquérito interno na PM. Processo vai durar 40 dias	Osny Tavares
07/03/2012	Violência policial no país está enraizada		Fernanda Trisotto
06/03/2012	OAB denuncia PMs por tortura	Jovem de 19 anos, morador do Uberaba, diz ter sido agredido e acusado de roubo por policiais. Comando admite culpa e afasta dois suspeitos	Osny Tavares
05/03/2012	PM admite que jovem foi torturado no Uberaba	Denúncia foi feita à OAB-PR. Policiais já foram identificados e inquérito policial seria instaurado nesta segunda-feira	Diego Antonelli
05/03/2012	UPS: caso de suspeita de tortura no Uberaba é denunciado pela OAB	Vice-presidente da Comissão de Direitos Humanos da OAB disse que moradores denunciaram que um rapaz foi abordado por policiais militares. Ele teria sido levado do local e ficou desaparecido por 5 horas. O rapaz foi espancado, de acordo com a OAB	Fernanda Leitóles
04/03/2012	Guardas municipais são maioria entre os agentes	Apesar de a UPS ser um projeto do governo estadual, a reportagem constatou pequena presença da Polícia Militar	Albari Rosa
04/03/2012	De mudança para o Uberaba		José Carlos Fernandes
04/03/2012	Um dia e uma noite na primeira UPP do Paraná	A reportagem da Gazeta do Povo acompanhou durante 24 horas o cotidiano das 12 vilas do Bairro Uberaba que foram ocupadas, à revelia da comunidade, por centenas de policiais	Mauri König, Diego Ribeiro e Felipe Aníbal
03/03/2012	Governo promete ações sociais no Uberaba a partir de 4. ^a -feira	Prefeitura diz que intenção é usar estruturas e programas já existentes, mas que estavam subutilizados por causa da violência no bairro	Osny Tavares
	5 bairros concentram 47% dos assassinatos		Aline Peres
02/03/2012	Tranquilidade marca o segundo dia de ocupação no Uberaba	Grande concentração de policiais era registrada nos acessos ao bairro pela manhã. À tarde, a frequência diminuiu. Ao longo de todo o dia, a rotina dos moradores foi normal	Felippe Aníbal, Fernanda Leitóles, Osny Tavares, Aline Peres e Aniele Nascimento
02/03/2012	Comunidade acredita que, se a polícia ficar, a violência vai embora		Osny Tavares e Gabriel Azevedo

02/03/2012	Moradores aprovam ação, mas esperam continuidade	Operação policial no Uberaba transcorreu de forma pacífica e sem resistência. Rotina da população não foi alterada	Osny Tavares e Gabriel Azevedo (Colaborou Aline Peres)
02/03/2012	Hora de investir em diálogo e ação social Área marcada pela violência		Diego Ribeiro Aline Peres
02/03/2012	Ocupação permanente	Polícia lança ofensiva para retomar o controle de regiões violentas com a implantação de unidades inspiradas nas UPPs do Rio	Andréa Morais
02/03/2012	Um bom início		
01/03/2012	Após 15 dias, efetivo de 60 policiais permanecerá no Uberaba	Para a segunda quinzena de março, está prevista a instalação de duas bases fixas da PM na região. Ocupação do bairro foi feita por 450 policiais militares e civis, além de 115 guardas municipais	Fernanda Leitóles, Osny Tavares, Aline Peres, Felipe Aníbal e Aniele
01/03/2012	Após ação policial, clima é de normalidade no Uberaba	As pessoas andavam normalmente pela rua, as casas com a presença de moradores não estavam trancadas e, ao meio-dia, a maioria das crianças voltava da escola desacompanhadas	Osny Tavares e Gabriel Azevedo
01/03/2012	Unidade Paraná Seguro é instalada na região do Uberaba	Policiais ocuparam a região por volta das 6 horas desta quinta-feira e pretendem mapear pontos de tráfico de drogas do Uberaba e das proximidades	Fernanda Leitóles e Osny Tavares
08/01/2012	O gatilho é puxado pelo tráfico	Em 2011, 685 pessoas foram assassinadas em Curitiba. Entre as vítimas, 61% eram usuárias ou traficantes de drogas	Diego Ribeiro
05/01/2012	Richa promete instalar UPPs no PR neste ano	Piloto do modelo paranaense será implantado até a metade deste ano e não terá participação do Exército	FelippeAnibal e Elisa Lopes, especial para a Gazeta do Povo
04/01/2012	Richa promete instalar unidades pacificadoras no Paraná ainda neste ano	De acordo com o governador, o piloto do modelo paranaense será implantado até a metade deste ano, em Curitiba	FelippeAnibal e Elisa Lopes, especial para a Gazeta do Povo